

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

A LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA E MASCULINA

Ângela Márcia Damasceno T. Barbosa¹

Resumo: Os autores das obras infanto-juvenis da Literatura Brasileira criaram novas formas de representação feminina e masculina através dos príncipes e princesas dos “novos” contos de fadas. E algumas dessas obras nascem da relação com histórias infantis de outras épocas e autores. Sendo assim, o estudo supracitado propõe averiguar como se dá a construção das identidades e quais estereótipos são perpassados e/ou questionados através do comportamento dos personagens na narrativa. Para tanto, recorreremos a teoria dos estudos culturais com os estudos sobre identidade, representação e estereótipo desenvolvidos por pesquisadores como Hall (2005), Bhabha (2007), Chartier (1990), Woodward (2007), dentre outros. Escolhemos como objeto de estudo, a obra: *Príncipes e Princesas, Sapos e Lagartos: histórias modernas de tempos antigos*, de Flávio de Souza. E ao concluir a nossa análise, nos deparamos com uma nova perspectiva com relação a identidade de homens e mulheres, uma nova perspectiva com relação ao casamento, a busca da emancipação feminina, desmistificação do príncipe encantado e a desconstrução do estereótipo de beleza. Destarte, a literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança.

Palavras Chave: Literatura Infanto-Juvenil; Representação; Identidade; Estereótipo; Intertextualidade.

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas no momento em que se discute o contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Segundo Hall (2005, p. 07), isso vem acontecendo porque “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades [...]”. Indivíduos que compartilham sua cultura e princípios de visão comum, que se unem em comunidades, formam grupos que cultivam valores e interesses e que enfim identificam-se, povoam a sociedade contemporânea. As possibilidades de identificação são inúmeras, podendo o indivíduo ter identidade, pessoal, coletiva, profissional, de classe, de gênero, entre outras. Essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são

¹ Professora Substituta da UNEB e Mestranda em Estudo de Linguagens.
angelaliteratura@bol.com.br

representadas. E a representação, ainda segundo Hall (1997a apud WOODWARD, 2007, p. 08), “[...] atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior. [...]”. O estudioso Woodward (2007, p. 17) complementa:

[...] A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posinando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...].

Dessa maneira a produção de significados, através das representações, está estreitamente vinculada com a construção das identidades. E a ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais levam a uma preocupação com a “identificação” que para Nixon (1997 apud WOODWARD, 2007, p. 18) é o “[...] processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades [...]”. Esse conceito tem sua origem na psicanálise e está sendo retomado pelos Estudos Culturais.

Para Chartier (1990, p. 23) a representação permite articular três modalidades na relação com o mundo social. São elas:

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. [...] (CHARTIER, 1990, p. 23)

Bourdieu (1989), por sua vez, analisa os sistemas simbólicos, a construção de sentidos, os sistemas de representação, inclusive no tocante a identidade, quando afirma:

[...] sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles tem deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’ aos ‘outros’ a qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade. [...] (BOURDIEU, 1989, p. 124)

Vale ressaltar que as pesquisas mais recentes descrevem a identidade como relacional, pois depende, para existir, de outra identidade que fornece condições para que ela exista. Dessa forma ela é marcada pela diferença e pelas similaridades. De certa maneira essas pesquisas reafirmam o pensamento de Bourdieu (1989), pois a idéia que o

indivíduo possui de si está diretamente ligada ao que se constitui o “nós” por oposição a “eles” aos “outros”. Os homens, por exemplo, tendem a construir posições para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência. A cultura molda a identidade. Pode-se aceitar essas posições ou reivindicar outras. Por isso, algumas reivindicações na formação das identidades das mulheres contemporâneas acontecem por meio do apelo a antecedentes históricos e ao fazê-lo elas podem estar construindo, assumindo e se identificando com novas identidades. Assim a construção da identidade é, além de simbólica, social e histórica.

Dentre as diversas pesquisas o estudioso da cultura, Stuart Hall define as identidades culturais como sendo “[...] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. [...]” (HALL, 2005, p.08). E complementa:

[...] Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais [...] (HALL, 2005, p. 09)

E, nesse contexto, a literatura infantil parece acompanhar essas transformações e demonstrar que os textos, ditos “para crianças”, retratam essas novas identidades coletivas e pessoais que nascem e mudam a depender da época.

A partir dessas reflexões, o presente estudo propõe discutir as representações identitárias femininas e masculinas em obras destinadas às crianças brasileiras, buscando verificar quais estereótipos são perpassados e/ou questionados pelos autores ao construir uma determinada identidade para seus personagens. Para tanto, escolhemos como objeto de estudo, a obra: *Príncipes e Princesas, Sapos e Lagartos: histórias modernas de tempos antigos*, de Flávio de Souza. A obra ao leitor a oportunidade de conhecer pequenas histórias com personagens que possuem identidades diversas. As pequenas histórias acontecem nas Terras Médias, entre os reinos de Velda e Melra, enquanto acontece a Guerra dos Mil e Um Anos. Em plena guerra nasce o amor do príncipe Leo Lourival e a princesa Miranda. E entre os encontros e desencontros do casal, surgem histórias com bruxas e magos, príncipes transformados em sapos, princesas aprisionadas em torres, um dragão que não passa de lagarto, outro príncipe com trezentas namoradas e os dois primeiros beijos de todos os tempos. Alguns desses personagens são parecidos com príncipes e princesas dos contos de fadas contados

oralmente por camponeses franceses, escritos por Charles Perrault e os Irmãos Grimm fazendo com que a obra de Flávio de Souza torne-se um intertexto.

Regina Zilberman também tece comentários acerca dessa tendência:

[...] O processo, porém, é compreensível, pois foi como se a literatura infantil precisasse retornar ao início - do conto de fadas, nascido na Europa; dos Contos da Carochinha, como os que Figueiredo Pimentel narrou, nos primeiros anos da história do gênero no Brasil -, para tomar impulso necessário para cruzar fronteiras e impor novas regras de criação e leitura de textos destinados à infância. [...]

(ZILBERMAN, 2005, p. 56-57)

Zilberman realmente tem razão. Algumas obras da literatura infantil estabeleceram diálogos intertextuais com os contos de fadas cruzando fronteiras e criando releituras.

Para Diniz (2005), alguns desses diálogos intertextuais desvalorizam os textos pré-existentes, outros re-escrevem em outro estilo; outros re-elaboram e outros ainda modernizam obras anteriores, acentuando certas características do clássico. Nessas releituras, o príncipe parece que não é mais tão “encantado” se comparado aos antigos príncipes. E as princesas também mudaram. Re-elaboração que pode ser comprovada na obra *Príncipes, Princesas, Sapos e Lagartos: histórias modernas de tempos antigos*. Nela existem príncipes, vistos como feios pela sociedade, que preferem ser sapos

[...] Felisberto Tucotruco foi um dos poucos príncipes do reino de Plum que não participou da Guerra dos Mil e Um Anos. Não por não querer, que ele era burro o suficiente para lutar. O caso é que ele era tão feio que todos tinham certeza de que uma bruxa o havia transformado num sapo. Todos concordaram, após discussões a respeito, que a bruxa havia feito um serviço pela metade e sendo meio homem, meio sapo Felisberto não estava em condições para guerrear. [...]

(SOUZA,

1996, p. 25)

Se Felisberto é visto como feio e burro pela sociedade, ele difere das descrições mais encontradas nos contos de fadas tradicionais que geralmente eram descritos com uma beleza física idealizada. Assim as identidades vão sendo contestadas e estão em mudança. A posição do príncipe foi colocada em conflito. E Felisberto pode decidir qual posição vai assumir.

Em outro conto pode-se encontrar a história do “príncipe desencantado”. Esse príncipe desperta, com um beijo, uma princesa adormecida há cem anos. Ao começar a leitura, o leitor, provavelmente lembrará de um conto de fadas chamado: “A bela adormecida”, entretanto logo perceberá que a princesa e o desfecho desse novo conto são bem diferentes do antigo. Enquanto no conto antigo, o príncipe se apaixona pela

bela adormecida, se casam e vivem felizes para sempre, no novo conto, o príncipe fica decepcionado ao conhecer a princesa, pois ao acordar ela começou a falar sem parar e demonstrou ser demasiadamente gananciosa e materialista. Observe um trecho do diálogo que se estabelece entre eles

[...] PRINCESA- Muito obrigada príncipe. Você por acaso é solteiro?
PRÍNCIPE- Sim, minha querida princesa.
PRINCESA- Você tem um castelo, é claro.
PRÍNCIPE- Tenho...princesa.
PRINCESA- E quantos quartos tem o seu castelo? Deixa eu pensar quantas
amas eu vou contratar...Umas quarenta eu acho que dá! Ah, eu não quero nem
saber. Eu não pedi para ninguém vir aqui me beijar, e já vou avisando que
quero umas roupas novas, as minhas devem estar fora de moda, afinal
passaram-se cem anos, não é mesmo? E quero uma carruagem de marfim,
sapatinhos de cristal e...e...jóias, é claro! Eu quero anéis, pulseiras, colares,
tiaras, coroas [...]

1996, p.34)

(SOUZA,

No meio da conversa, o príncipe se arrependeu de ter ido até o castelo e de ter beijado aquela princesa. Então esperou a princesa ficar distraída, e deu outro beijo nela. O segundo beijo fez com que a mesma caísse num sono profundo outra vez. Nesse momento, o leitor pode até pensar que a desencantada é a princesa. O que é fato. Mas, o que talvez justifique o título do conto é o seu desfecho, no qual o príncipe foi embora e assim que isso aconteceu, a notícia se espalhou, e os príncipes passam correndo pela frente do castelo onde ela dorme, assobiando e olhando para o outro lado. E, talvez, o leitor não vai mais se identificar com os novos príncipes e princesas.

Outro conto, desta obra, tem como título: “Princesa Linda Laço-de-Fita”. Como o título sugere, essa princesa é linda. E, segundo o narrador, sempre foi. Tudo que está relacionado a ela é descrito como de uma beleza estonteante, desde as roupas até o castelo e quarto. Entretanto, para a surpresa de todos ela envelheceu sozinha.

[...] Passou a vida na janela do quarto, recebendo visitas de príncipes que vinham de muito longe e de bem perto também para pedi-la em casamento. Mas, sendo linda como era, e muito vaidosa da própria lindeza, não aceitava nenhum pedido, pois nenhum príncipe era forte, rico ou...lindo o suficiente para se casar com ela. Com o passar dos anos, os príncipes cansaram desse papo furado e desistiram. Hoje em dia, ela já está bem velhinha, ainda linda, uma linda velhinha. Sozinha, na janela, espera algum príncipe passar e parar para conversar. [...]

1996, p. 44)

(SOUZA,

Nessa perspectiva, o que é belo, feio ou encantado é questionável. Segundo Sonia Salomão Khéde:

[...] De modo geral, as histórias de fadas da literatura infanto-juvenil contemporânea estão a favor da desconstrução de estereótipos que

aprimorem as atitudes comportamentais das crianças. Inscrevem-se na linha da paródia e da crítica social. [...]

(KHÉDE, 1990, p. 33)

Através da história do príncipe desencantado, percebe-se que esses contos questionam, também, a imagem da mulher-princesa. As personagens femininas eram frágeis e passivas nos contos de fadas clássicos. Ainda segundo Khéde:

[...] Príncipes e princesas são personagens mais predispostos às aventuras. Os primeiros desempenham papéis ativos, heróicos e transgressores, servindo, muitas vezes, como intermediários, num resgate. As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas mereceram, como prêmio o seu príncipe encantado. [...] (KHÉDE, 1990, p. 33)

Os contos modernos parecem, realmente, desconstruir esses estereótipos. Para Bhabha (1998, p. 105) o estereótipo é “[...] uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido [...]”. Temos como exemplo dessa tendência contemporânea, que desconstrói estereótipos, a identidade pessoal da princesa Úrsula de Bronislávia que modifica seu destino e possui atitudes que parecem estabelecer uma ruptura com as características das personagens femininas dos contos tradicionais. Descrita como um nenê que não chorava, rugia. Com características que a sociedade atribuiu aos homens por muito tempo, como, por exemplo: sempre foi forte, brava e passava os dias desenvolvendo seus músculos. A característica, que talvez surpreenda alguns leitores, é o desfecho dessa narrativa.

[...] Aos vinte e sete anos cansou-se de ouvir que estava ficando para tia, que já era tempo de casar, importou vinte odaliscas das Arábias, e hoje vive feliz com a amizade com uma das odaliscas no castelo particular que a princesa possui à beira do mar Nacarado. [...] (SOUZA, 1996, p. 36-37)

Como podemos observar, o autor descreve Úrsula como uma princesa bem diferente. E sutilmente sugere o que parece ser a preferência sexual da mesma.

Outra história bastante curiosa tem como título: “O casamento do príncipe Arnaldo” que é diferente dos príncipes Encantados por causa da sua fama de namorador e covarde. Covarde porque viajou durante anos e anos, tendo o cuidado de fingir que não sabia que uma Guerra de Mil e Um anos estava acontecendo. E namorador porque escolheu noivas, prometeu casamento, assinava os papéis e logo após ia embora e não mais voltava. E “[...] nesse logo logo se passou quase um ano, em que o príncipe ficou

noivo de mais de trezentas princesas[...]” (SOUZA, 1996, p. 64). Informação importante para o leitor apresenta-se no momento em que nosso príncipe namorador escolhe as suas noivas. Ele afirmava como grande conhecedor das mulheres, que um rostinho encantador não basta para um casamento feliz. Era primordial para esse príncipe conversar com as pretendentes para escolher a mais inteligente. Nos contos de fadas coragem, força e esperteza parecem ser consideradas atributos primordialmente masculinos. O que é lido como natural na masculinidade pode ser lido como não-natural e ameaçador na feminilidade. O “natural”, para alguns, seria que a personagem feminina tivesse seus medos e fosse frágil, características tradicionalmente ligadas ao feminino. Comportamentos que estão presentes na obra estudada tanto personagens femininas fortes quanto personagens masculinos frágeis. Segundo Woodward (2007, p. 25),

[...] as identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares do mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. [...]

Se a questão da construção da identidade gira em torno do “tornar-se”, homens e mulheres estão a todo o momento mudando a sua posição na sociedade e na literatura, construindo novas identidades.

Essas histórias, como tantas outras do gênero descrevem as princesas muito mais destemidas, autônomas e não são mais submissas aos príncipes. De acordo com Franchetto (1981), as mulheres recusam a representação de “segundo sexo” ou “sexo frágil” por excelência. Afirma-se como sexo, mas em sua singularidade. A mulher se descobre ou se quer, sujeito de seu próprio corpo, de sua sexualidade, de sua vida, produzindo as mais diversas conseqüências políticas, econômicas, culturais. Desejos defendidos pelo movimento feminista que, ainda segundo Franchetto (1981), reivindica para as mulheres, um espaço de atuação política. Postula que, na história da humanidade, as mulheres tenham sido sempre submetidas a uma ordem predominantemente masculina, mas agora adquiriram consciência de sua opressão milenar e dos seus interesses que só elas podem defender. Esses interesses exprimir-se-iam na luta contra a discriminação da mulher na sociedade, o que pode ser traduzido no rebelar-se contra a imposição de um papel social alocado a um sexo, no caso o “sexo frágil”. Para Oakley (1998), produzir e disseminar saberes que não sejam apenas *sobre* ou *por* mulheres, mas também de relevância *para* as mulheres e suas (nossas) lutas, este é o objetivo maior do projeto feminista na ciência e academia.

Destarte, as mudanças e/ou semelhanças com os estereótipos já existentes na nossa sociedade, encontradas na obra supracitada, atestam mais inovações/um novo olhar do que repetições na forma de representação do masculino e feminino questionando o que é belo ou feio, a mulher frágil ou forte, o príncipe encantado ou desencantado e dessa maneira, despertando o senso crítico dos leitores. Assim, a literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014199100001000010&ing=pt&nrm=iso> . Acesso em: 18 de agosto de 2008.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Literatura e cinema**. Tradução, hipertextualidade, reciclagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

FRANCHETTO, Bruna et alii. Antropologia e Feminismo. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

KOFES, Suely. **Categoria analítica e empírica: Gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações**. Revista Pagu, Nº 1, 1993.

OAKLEY, Ann. Science, gender, and women's liberation: na argument against postmodernism. Women's Studies International Forum, New York, v. 21, n. 2, p. 133-146, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1995.

SOUZA, Flávio de. **Príncipes e Princesas, sapos e lagartos**: histórias modernas de tempos antigos. 6ª edição. São Paulo: FTD, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

ZILBEMAN, Regina. **A Literatura Infantil Brasileira**: como e por que ler. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.